

REVISTA MARACANAN

Dossiê

A construção da literatura histórica de Simão de Vasconcelos, SJ: entre o paradigma oriental e a busca por prestígio no século XVII

The construction of the historical literature of Simão de Vasconcelos, SJ: between the oriental paradigm and the search for prestige in the XVIIth century

Camila Corrêa e Silva de Freitas*

Universidade Federal de Campina Grande
Cajazeiras, Paraíba, Brasil

Recebido em: 30 abr. 2021.

Aprovado em: 15 ago. 2021



* Professora adjunta na Universidade Federal de Campina Grande. Doutora e Mestre em História Social pela Universidade de São. Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. (camilacorreaesilva@gmail.com)

Resumo

A historiografia das últimas décadas que tem se dedicado a refletir sobre a cultura escrita do clero católico na época moderna vem destacando a relevância que a produção, a circulação e os diversos usos de textos, manuscritos e impressos, tiveram no desenvolvimento da missão das ordens religiosas, dentro e fora da Europa, bem como a importância de se considerar o contexto histórico em que estes textos foram produzidos e utilizados. No artigo que ora se apresenta, pretendemos analisar a construção e a divulgação das obras históricas sobre a província do Brasil do jesuíta Simão de Vasconcelos entre as décadas de 1650 e 1660 tendo em vista três fatores contextuais importantes: a produção jesuítica de literatura histórica sobre as missões ultramarinas e sua publicização entre as décadas de 1550 e 1650 na Europa; os impactos da sua circulação nas dinâmicas internas da Companhia de Jesus; e as principais questões vividas pelos jesuítas da América portuguesa no período em que Vasconcelos elaborou seus textos. A partir da análise retórica e bibliográfica das obras do padre, bem como à luz do contexto das publicações jesuíticas missionárias e dos conflitos vividos pelos jesuítas do Brasil, procuramos demonstrar como o religioso construiu um discurso histórico sobre a província brasileira se utilizando dos principais elementos de prestígio da época com vistas a atrair mais missionários e fortalecer a atuação da Ordem na América portuguesa.

Palavras-chave: Companhia de Jesus. Simão de Vasconcelos. Literatura histórica

Abstract

The historiography of the last decades that has been dedicated to reflect on the written culture of the catholic clergy in the modern era has highlighted the relevance that the production, circulation and various uses of texts, manuscripts and printed, had had in the development of the mission of religious orders, inside and outside Europe, as well as the importance of considering the historical context in which these texts were produced and used. The article now presented intend to analyze the construction and dissemination of the historical works on the province of Brazil by the jesuit Simão de Vasconcelos between the 1650s and 1660s considering three important contextual factors: the jesuitic production of historical literature on the overseas missions and their publication between the 1550s and 1650s in Europe; the impacts of its circulation on the internal dynamics of the Society of Jesus; and the main issues experienced by the jesuits of Portuguese America in the period when Vasconcelos prepared his texts. From the rhetorical and bibliographic analysis of the priest's works, as well as in the light of the context of jesuit missionary publications and the conflicts experienced by jesuits in Brazil, we seek to demonstrate how Vasconcelos constructed a historical discourse on the brazilian province using the main elements of prestige of the time aiming to attract more missionaries and strengthen the order's activities in Portuguese America.

Keywords: Society of Jesus. Simão de Vasconcelos. historical literature.

Introdução

A historiografia das últimas décadas que tem se dedicado a refletir sobre a cultura escrita do clero católico na época moderna vem destacando a relevância que a produção, a circulação e os diversos usos de textos, manuscritos e impressos, tiveram no desenvolvimento da missão das ordens religiosas, dentro e fora da Europa, bem como a importância de se considerar o contexto histórico em que estes textos foram produzidos e utilizados.¹ Entre os séculos XVI e XVII, as publicações ligadas às missões apostólicas católicas em territórios fora da Europa assumiram, em grande parte, o formato de relações missionárias, isto é, sínteses informativas sobre as condições em que ocorriam a missão e os progressos da atividade apostólica. Inicialmente essas relações eram enviadas principalmente na forma de cartas ou avisos, notícias. No caso da Companhia de Jesus, a correspondência epistolar foi usada, desde o início da atividade missionária e com a sua expansão em diferentes Assistências da Ordem, como instrumento de comunicação interna e de governo e orientação das atividades nas suas missões e províncias. Também foi utilizada como meio de divulgação, interna e externa à Companhia, da atuação apostólica dos companheiros na Europa e em diferentes partes do mundo, com o fim não só de edificar e estimular a vocação missionária, mas também de propagandear e perpetuar determinadas memórias e histórias da Companhia em áreas de missão. De fato, as cartas edificantes se tornaram um gênero literário de grande sucesso. Com o passar do tempo, sobretudo a partir dos Seiscentos, muitas das relações publicadas, baseadas nas cartas, foram se apresentando de maneira mais elaborada e assumindo um caráter histórico, cronístico e apologético.² Na verdade, entre os gêneros literários explorados pelos membros da Companhia, o histórico foi largamente utilizado em diversas variantes: histórias, crônicas, relações, biografias e hagiografias, por exemplo. Contudo, em todas as suas variações, a escrita histórica geralmente assumiu um caráter edificante e propagandístico. Não por acaso, no esforço de “historicização” do percurso da Ordem no tempo e no espaço, textos históricos, como crônicas e biografias, ganhavam certo cariz hagiográfico, ao narrarem as vidas de membros considerados mais exemplares como as de heróis apostólicos e santos.³

¹ Para citar apenas dois exemplos dessa historiografia mais recente: CHINCHILLA, Perla; ROMANO, Antonella (org.). *Escrituras de la modernidad: los jesuitas entre cultura retórica y cultura científica*. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2008; PALOMO, Federico (org.). *La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid, 2014 (Cuadernos de Historia Moderna. Anejos. Serie de Monografías, XIII).

² ROZZO, Ugo. Relazioni dei Missionari. In: Idem (org.). *Il libro religioso*. Milão: Edizioni Sylvestre Bonnard, 2002, p.215-219; PAVONE, Sabina. *I gesuiti. Dalle origini alla soppressione*. Roma-Bari: Editore Laterza, 2004, p.69.

³ Cf. GOTOR, Miguel. *Santi Stravaganti. Agiografia, ordini religiosi e censura ecclesiastica nella prima età moderna*. Roma: Aracne Editrice, 2012, p.16.

Segundo a obra bibliográfica do padre Auguste Carayon, SJ, apenas entre as décadas de 1580 e 1610, foram impressas mais de uma centena de publicações de cartas e avisos de missionários da Companhia de Jesus atuantes nas missões das Índias Orientais e Ocidentais e da África. E, entre "Notícias", "Relações" e "Histórias", foram impressas na Europa, no período de 1550 a 1650, mais de trezentas e vinte obras sobre todas as províncias e missões ultramarinas da Companhia de Jesus.⁴

No que diz respeito à província jesuítica do Brasil, entre as raras narrativas históricas e biográficas mais conhecidas escritas e publicadas até fins do Seiscentos, se encontram as de autoria do padre Simão de Vasconcelos, a saber: "Vida do P. Joam D'Almeida da Companhia de Jesu na Provincia do Brazil", impressa em 1658; "Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brazil", de 1663; e a "Vida do venerável Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesu, Taumaturgo do Novo Mundo, na Provincia do Brazil", de 1672. Todas impressas no reino luso, em Lisboa.

No texto que ora se apresenta, pretendemos analisar tanto a construção das obras do padre, considerando alguns dos seus aspectos retóricos e bibliográficos, quanto a iniciativa de divulgação das mesmas tendo em vista três fatores contextuais importantes: a produção jesuítica de literatura histórica sobre as missões ultramarinas e sua publicização entre as décadas de 1550 e 1650; os impactos da sua circulação nas dinâmicas internas da Companhia de Jesus; e as principais questões vividas pelos jesuítas da América portuguesa no período em que Vasconcelos elaborou seus textos.

Simão de Vasconcelos e suas obras

Nascido na cidade portuguesa do Porto em 1596, Simão de Vasconcelos veio ainda muito jovem para o Brasil, onde ingressou na Companhia de Jesus como noviço no colégio da Bahia, em 1615. Tornou-se um jesuíta de quatro votos em 1636, alcançando, assim, o ponto máximo da sua formação como religioso. Fez parte da embaixada da Restauração enviada a Lisboa em 1641 pelo vice-rei do Brasil, marquês de Montalvão, e ocupou os cargos administrativos mais importantes da província, como os de reitor do colégio do Rio de Janeiro (1646-1654), vice-reitor do colégio da Bahia (1654-55), provincial (1655-58) e procurador geral da província jesuítica do Brasil junto ao governo geral da Companhia em Roma (1660-62). Era, portanto, um religioso do alto escalão dentro da hierarquia da província, ocupando cargos de liderança e envolvido diretamente com questões relativas à política de atuação da Ordem na América portuguesa. No fim da década de 1660, voltou ao colégio do Rio de Janeiro como reitor, onde

⁴ CARAYON, Auguste. *Bibliographie historique de la Compagnie de Jésus*. Paris: Auguste Durand Libraire, 1864, p.62-137 ("Missions d'Asie et d'Afrique"); p.176-202 ("Missions d'Amérique"). Nesta pesquisa utilizamos duas obras bibliográficas de referência para as publicações jesuíticas de temática missionária. Ambas indicam que os impressos se apresentavam, em geral, ou no formato epistolar ou em narrativas de caráter histórico. Cf. CARAYON, Auguste. *Bibliographie historique de la Compagnie de Jésus*. Paris: Auguste Durand Libraire, 1864; SOMMERVOGEL, Carlos. *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Nouvelle Édition. Paris: Alphonse Picard; Bruxelas: Oscar Schepens, 1890-1900, 9 v.

morreu, em 1671.⁵ Entre os anos 1650 e 1660, o padre se ocupou em redigir e publicar no reino três obras de caráter histórico sobre a província brasílica, uma crônica e duas biografias devotas, iniciativa inédita até então.⁶

A “Vida do P. Joam D’Almeida da Companhia de Jesu” apresenta cronologicamente a vida do protagonista, destacando o período entre fins do século XVI e a primeira metade do seguinte, quando Almeida atuou como missionário principalmente nas capitâneas do sul da América portuguesa (Rio de Janeiro e São Vicente). Vasconcelos o caracteriza sobretudo como exemplar e virtuoso, muito bem-sucedido na catequese indígena, e como santo canonizável, cujas maravilhas sobrenaturais ocorreram para beneficiar a todos, nativos e portugueses. É um exemplo de “biografia devota”, texto de caráter histórico muito comum na época, produzido e publicado em geral para fins de edificação, mas também para propagandear o sucesso de uma determinada empresa missionária levada a cabo por certa ordem religiosa, e para servir como material de base para processos jurídicos de canonização⁷. Não por acaso, o status de santo de Almeida é sustentado por um rol de testemunhos e depoimentos tomados juridicamente que o padre Vasconcelos apresenta no correr da obra. A “Vida do venerável Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesu” se enquadra no mesmo caso e apresenta o mesmo tipo de conteúdo. A narrativa se inicia em 1553, quando Anchieta veio para o Brasil, e segue até um pouco depois de sua morte, em 1597, quando ainda teriam ocorrido milagres atribuídos ao suposto santo. Já a “Chronica” traz uma longa e detalhada narrativa sobre a instalação e o desenvolvimento da missão jesuítica no Brasil em seus primeiros vinte anos (entre 1549 e 1570). A interrupção do texto neste ponto é proposital: 1570 é o ano da morte de Manoel da Nóbrega, fundador da missão, primeiro provincial e herói principal da obra.

Apesar de não terem sido publicadas respeitando a ordem cronológica dos eventos narrados, visto que a “Vida” de João de Almeida trata de um período posterior ao da “Chronica” e ao da biografia de Anchieta, mas foi publicada primeiro, as três obras cobrem o arco temporal entre a criação da província brasileira e meados do Seiscentos, quando Vasconcelos escrevia.

⁵ Cf. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro/Lisboa: INL, 1938-1950. t.9, p.177; RAMOS, Luís A. de Oliveira. Um jesuíta do Barroco (1596-1671). In: *Barroco: Actas do II Congresso Internacional*. Porto: Universidade do Porto, 2003, p.423-438.

⁶ Além das três obras publicadas já mencionadas, e da reedição da parte introdutória da “Chronica” em 1668, lhe é atribuída também a autoria do “Sermão que pregou na Bahia em o 1º. De Janeiro de 1659, na festa do nome de Jesu”, publicado em 1663, e da “Continuação das maravilhas que Deus he servido obrar no Estado do Brasil, por intervenção do mui religioso e penitente servo seu, o venerável Padre João de Almeida, da Companhia de Jesu”, de 1662. Cf. SANTOS, Zulmira Coelho dos. A literatura ‘hagiográfica’ no Brasil do tempo do Pe. António Vieira: da ‘Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo’ (1663) às biografias devotas de Simão de Vasconcellos. *Românica*, Lisboa, v.17, 2008, p.158.

⁷ A “vida” ou “biografia devota” se constitui como um subgênero literário da biografia, pois trata das vidas de homens e mulheres que morreram em “odores de santidade”, mas que não haviam sido oficialmente reconhecidos como santos pela Igreja Católica Romana, diferenciando-se assim das hagiografias ou “vidas de santos”, narrativas biográficas sobre indivíduos já canonizados oficialmente. Entre os séculos XVI e XVII, biografias devotas e hagiografias tiveram grande destaque no mercado tipográfico europeu. Cf. FERNANDES, Maria de Lourdes Correia. Entre a família e a religião: a ‘Vida’ de João Cardim. *Lusitania Sacra*, Lisboa, n.5, p.93-120, 1993, p.94-95; GOTOR, Miguel. *Chiesa e santità nell’Italia moderna*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2004.

Nesse sentido, entendemos que a obra literária do padre pode ser analisada em conjunto e considerada como uma primeira iniciativa de construção e ampla divulgação, pelo seu caráter impresso, de uma memória histórica da província atualizada, buscando compensar as escassas notícias até então divulgadas, como veremos.

As três obras apresentam uma característica em comum importante: o espaço de destaque que dedicam a vários jesuítas do Brasil e não apenas aos protagonistas mais evidentes. No caso das biografias, por meio da narrativa da história de vida de Almeida e de Anchieta, Vasconcelos relata o desenvolvimento da missão e dedica bastante espaço à descrição elogiosa da ação missionária também de outros companheiros, ligados às histórias dos biografados. Na "Chronica", o elogio coletivo é mais facilmente perceptível. A longa narrativa está coalhada de pequenas biografias apologéticas sobre os seus primeiros integrantes. Apesar do destaque ser dado a Manoel da Nóbrega, apresentado como líder e representante maior do empenho missionário nos primeiros tempos da província, os discursos elogiosos distribuídos ao longo do texto sobre alguns dos seus companheiros resultam em um painel laudatório que indica o objetivo de louvar o conjunto dos membros da missão.⁸

O caráter elogioso marcadamente coletivo das obras históricas de Vasconcelos é evidenciado já na primeira delas. No prólogo da biografia de João de Almeida, o autor anuncia que apresentará na sequência um "Breve Catálogo dos Varões Insignes da Companhia de Jesus que floresceram em Virtude na Província do Brasil".

Meu intento principal neste Livro é dar ao Mundo umas breves notícias da Admirável Vida do Venerável P.[adre] João de Almeida, a quem pelas Obras Maravilhosas, com que Deus foi servido ilustrá-lo, podemos com razão chamar Segundo Taumaturgo deste novo Mundo; imitando também ao Primeiro, o Grande P.[adre] José de Anchieta, [...]. De caminho me pareceu dar também alguma notícia de outros Varões Ilustres em Virtude e Piedade; principalmente daqueles que serviram como de Exemplares às Perfeições, que em sua Alma debuxou o P.[adre] Almeida: assim para que não estejam tanto tempo desconhecidos das mais Partes do Mundo, os que ilustraram Esta da América, com suas Raras Virtudes e Singulares Exemplos, como para que sirva este Breve Epílogo que faço de suas Vidas, como de Preâmbulo à *Crônica que cedo se estampará desta Província*; a qual servirá a alguns de desengano, que erradamente teriam para si estar destituída de **Homens Santos** esta Província; pois até agora não viram que saísse à luz, nem se dessem ao Prelo suas Vidas [...]. E para que conste os muitos Varões Apostólicos do Brasil [...] que nesta Província acabaram as Vidas, e floresceram Insignemente em Zelo e Virtude, em espaço pouco mais de um século, desde o ano de 1549 até o presente de 1655, em que isto escrevo, me pareceu pôr os nomes de todos no Catálogo seguinte.

[...] 6. O Venerável P.[adre] José de Anchieta, o Grande Apóstolo deste novo Mundo [...], cujas Empresas Maravilhosas posto que andam em partes referidas, de novo se pretendem imprimir por merecerem muito maiores volumes.

⁸ Salvador Rodrigues, Leonardo Nunes, Pedro Corrêa, João de Sousa, Domingos Pecorela, João Aspilcueta Navarro, Bartolomeu Adão, Matheus Nogueira, Diogo Jacome e Antônio Rodrigues são os missionários e companheiros de Nóbrega que ganham mais destaque na narrativa, além de José de Anchieta. Cf. VASCONCELOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663.

[...] 64. O P.[adre] João de Almeida, que aqui pomos em último lugar, não porque se lhe deva o último na Santidade, mas porque há de ser ele logo o Sujeito principal desta nossa história; e neste espero veja o leitor Virtudes tão raras, que delas colija as de todos os demais acima referidos [...]. E note-se aqui de caminho a fecundidade desta Província em produzir grandes Varões [...].⁹

A longa lista de sessenta e quatro nomes de jesuítas que atuaram na província entre 1549 e 1655 começa com Manoel da Nóbrega e termina com João de Almeida, este identificado, logo no início do prólogo como herdeiro de Anchieta, na época já bastante afamado como santo missionário entre os companheiros europeus. O "Breve Catálogo" parece constituir uma espécie de genealogia do primeiro século da missão brasileira, composta por uma linhagem de religiosos ilustres em virtudes e em santidade, iniciada com o líder da primeira missão e perpetuada por "[...] Varões Ilustres em Virtude e Piedade". Apesar de ser apresentado como santo e protagonista da biografia, João de Almeida aparece em último na listagem, como se fosse o mais recente herdeiro de uma estirpe de missionários de grande distinção e, ao mesmo tempo, um representante do grupo, pois reúne as virtudes "[...] de todos os demais acima referidos". Da mesma forma, Vasconcelos introduz a biografia de José de Anchieta advertindo o leitor que "[...] não é só este grande P.[padre] [...], senão que são tantos os Varões ilustres que nesta Província acabaram a vida com fama pública de santidade e exemplos raros [...]."¹⁰ No correr do texto, o padre Simão apresenta brevemente a história de alguns outros companheiros que se destacaram na missão brasileira pelo martírio ou pelo apostolado, como os doze discípulos de Anchieta, que, "[...] destros na língua e destros no espírito, mandados ora a uma ora a outra aldeia, quais apóstolos de Cristo [...]",¹¹ foram doutrinados pelo dito santo e "[...] repartidos por vários sertões e partes do Brasil, ajudaram a converter muita parte da gentildade dele [...]."¹² Ou seja, tanto na biografia de Anchieta quanto na de Almeida, apesar da condição de santidade canonizável que atribui aos protagonistas, Vasconcelos os apresenta também como exemplares mais destacados e perpetuadores da excelência missionária que caracterizaria a província de maneira geral.

A história e os personagens dessa província missionária tão excelente, cem anos passados do seu surgimento, eram, no entanto, desconhecidos do grande público, lamenta Vasconcelos no prólogo da biografia de Almeida. Por isso o padre anuncia ali mesmo o seu projeto literário de trazer a público também uma "[...] Crônica que cedo se estampará desta Província [...]" e uma nova biografia de Anchieta, "[...] cujas Empresas Maravilhosas posto que andam em partes referidas, de novo se pretendem imprimir por merecerem muito maiores Volumes".¹³ O intento

⁹ VASCONCELOS, Simão de. Prólogo por advertência ao leitor. In: *Idem. Vida do P. Joam D'Almeida da Companhia de Jesu*. Lisboa: Oficina Craesbeeckiana, 1658, sem paginação. O destaque é nosso.

¹⁰ VASCONCELOS, Simão de. Prólogo ao leitor. In: *Idem. Vida do venerável Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesu*. Lisboa: João da Costa, 1672, sem paginação.

¹¹ *Ibidem*, p.28.

¹² *Ibidem*, p.46.

¹³ VASCONCELOS, Simão de. Prólogo por advertência ao leitor. In: *Idem. Vida do P. Joam D'Almeida ... Op.cit.*, sem paginação. Quando Vasconcelos afirma que pretende imprimir de novo uma história sobre as

foi realizado, como sabemos, nos anos seguintes. Ainda que evocar o ineditismo de uma publicação fosse um recurso retórico comum para atrair leitores, Vasconcelos estava ciente das poucas notícias e histórias impressas em circulação sobre a província jesuítica do Brasil. Isto parecia de fato preocupá-lo e mobilizou não apenas a sua escrita como o rápido encaminhamento para impressão das obras, assim que estavam prontas.¹⁴

O contexto de produção e divulgação da literatura histórica jesuítica entre 1550 e 1650

Considerando o universo dos escritos impressos pelos jesuítas sobre as missões ultramarinas entre os séculos XVI e XVII, o contexto literário no qual Simão de Vasconcelos escreveu, entre as décadas de 1650 e 1660, se caracterizava pela escassez de notícias sobre a província brasílica. Ao longo do primeiro século de presença jesuítica no Brasil, entre meados do século XVI e a década de 1650, cerca de trinta publicações, entre cartas e histórias que tratavam da missão brasileira, foram impressas na Europa. A maioria delas eram obras coletivas que traziam as novas sobre outras províncias também, sem um destaque específico para a do Brasil. No Quinhentos, apenas uma carta vinda da missão brasileira foi publicada em separado. De autoria de Pero Rodrigues, então padre provincial, a "Anua do Brasil, sendo Provincial escrita em o primeiro de maio de 1597, ao Padre Assistente João Alvarez" foi impressa em Lisboa em 1598. Para além disso, notícias da província apareceram em doze coletâneas de cartas oriundas das missões ultramarinas da Companhia, publicadas na segunda metade do século XVI. A província brasílica também figura em oito publicações de caráter histórico no mesmo período, porém eram todas edições da mesma obra, publicadas em línguas diferentes, as "*Historiarum indicarum*" (Histórias das Índias), do jesuíta Giovanni Pietro Maffei. Impressa pela primeira vez em 1588, se baseava em cartas enviadas dos missionários das Índias Orientais e Ocidentais.¹⁵

Nos cinquenta anos seguintes, a empresa jesuítica brasileira apareceu em um número ainda menor de publicações: em três coletâneas de cartas e avisos, impressas entre 1627 e 1628, e em oito obras de caráter histórico, inclusive duas reedições do texto de Maffei. A "Chronica" e as biografias escritas por Simão de Vasconcelos foram as primeiras publicações de caráter histórico que tratavam exclusivamente da província jesuítica brasileira, vindo à luz apenas na segunda metade do Seiscentos.¹⁶

maravilhas de Anchieta, se referia a duas das primeiras biografias impressas sobre o companheiro, a "*Josephi Anchietae Societatis Jesu Sacerdotis in Brasilia defuncti Vita*", do padre Sebastião Beretário (Lyon, 1617), e a "*Vida del Padre Joseph De Anchieta De La Compañia De Iesus, Y Provincial Del Brasil*", do padre Estevão de Paternina (Salamanca, 1618).

¹⁴ As datas das dedicatórias, aprovações e licenças para impressão das três obras confirmam a nossa afirmação. A biografia do padre Almeida estava pronta em 1655, conforme as primeiras aprovações, sendo impressa em 1658; a "Chronica" teve suas primeiras aprovações datadas de abril e maio de 1661 e foi impressa em 1663; o prólogo ao leitor da "Vida" de Anchieta está datado de janeiro de 1668, tendo o livro sido impresso em 1672.

¹⁵ Cf. CARAYON, Auguste. *Bibliographie... Op.cit.*, p.176-202.

¹⁶ *Ibidem*, p.64-179.

No contexto das províncias jesuíticas americanas,¹⁷ as poucas notícias sobre a do Brasil contrastavam com publicações um pouco mais frequentes das vizinhas, que passaram a divulgar as suas histórias e as de seus membros ilustres em virtudes e santidade na primeira metade do Seiscentos. Apesar de não termos localizado publicações quinhentistas de caráter histórico que tratassem individualmente das províncias americanas da Companhia de Jesus, na primeira metade do século XVII, vinte e três obras do tipo vieram à luz, principalmente sobre a missão do Peru.¹⁸

Se considerarmos o cenário mais amplo das províncias ultramarinas da Companhia, a brasílica praticamente desaparece em meio às centenas de publicações sobre as missões da Ásia, que inundavam o mercado editorial europeu desde o Quinhentos. Em termos numéricos, é inegável que temas, notícias e personagens ligados às missões apostólicas orientais despertavam um interesse muito superior entre impressores, livreiros e o público consumidor europeu, inclusive os próprios jesuítas, se comparados ao interesse que os mesmos demonstravam sobre as Índias Ocidentais. Entre as décadas de 1550 e 1650, mais de cento e cinquenta cartas e avisos, impressos individualmente ou em coletâneas, todos de autoria de missionários atuantes nas províncias e missões asiáticas da Companhia de Jesus (Goa, Malabar, Japão e China) e em missões em territórios persas e na África, foram publicados na Europa em diversas línguas. No mesmo período, vieram a público mais de duzentas e sessenta obras de caráter histórico sobre essas missões.¹⁹

Os numerosos impressos, que também descreviam as gentes e os costumes das Índias Orientais, relatavam não só o pleno sucesso como o avanço das conversões católicas, colaborando para constituir e fortalecer, dentro e fora da Companhia de Jesus, uma espécie de paradigma triunfante do apostolado missionário jesuítico no ultramar, encarnado pelas missões do Oriente, sobretudo as asiáticas. A constituição do paradigma oriental teve origem na iniciativa dos próprios jesuítas ao atribuírem epítetos como "Apóstolo do Oriente" e "Apóstolo da Índia" a Francisco Xavier logo após a sua morte em 1552. Suas cartas e relatos sobre a missão apostólica em várias partes da Ásia foram intensamente divulgados e glorificados pelos companheiros na Europa pela via literária e iconográfica. A construção da imagem pública de Xavier como exemplo maior do missionário católico ganhou ainda mais força simbólica e popularidade com a beatificação e canonização do religioso, em 1619 e em 1622, respectivamente. Alguns anos depois, em 1627, a beatificação de vinte e seis cristãos, entre eles três irmãos jesuítas japoneses, mortos em martírio apenas trinta anos antes, em Nagasaki, parecia confirmar que

¹⁷ Nas Américas, além da província do Brasil e da vice-província do Maranhão, criada no século XVIII, ambas integrantes da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus, havia as províncias do Peru, Chile, Nova Granada, México, Paraguai e Quito, que integravam a Assistência espanhola da ordem. Cf. HAMY, P. Alfred. S.J. *Documents pour servir à l'histoire des domiciles de la Compagnie de Jesus dans le monde entier de 1540 a 1773*. Paris: Alphonse Picard Libraire, 1892, p.1

¹⁸ Cf. CARAYON, Auguste. *Bibliographie ... Op.cit*, p.176-202.

¹⁹ *Ibidem*, p.62-137.

o Oriente asiático se consolidara como região missionária ultramarina mais prestigiosa também entre a liderança da Igreja de Roma.²⁰

É possível elencar evidências de alguns prováveis impactos da ampla publicização desse paradigma de excelência e sucesso dentro da Companhia de Jesus. Em comparação às missões rurais, no interior europeu, aquelas enviadas para áreas de fronteira do catolicismo, entre hereges e infiéis, dentro ou fora da Europa, eram muito mais atraentes para os futuros missionários. Em princípios do século XVII, muitos companheiros escreviam cartas ao Padre Geral pedindo para serem enviados às missões do ultramar, as chamadas "*litterae indipetae*". Nelas, os candidatos demonstram uma grande atração por viver entre gente bárbara, o desejo de passar por trabalhos árduos, de serem os primeiros a levar a luz do evangelho a novas terras, converter e batizar muitas almas, alcançar o martírio. As missões asiáticas, quase todas concentradas na Assistência portuguesa da Ordem, eram o destino preferido, principalmente a China e o Japão.²¹ Ao que tudo indica, as notícias de que as conversões na Ásia alcançavam enorme sucesso, sendo contadas aos milhares na primeira década seiscentista, e os relatos sobre os martírios que marcaram a missão japonesa influenciaram, em alguma medida, a escolha dos candidatos. Baseado em cartas dos missionários, o padre Fernão Guerreiro alardeava, na "Relação anual" publicada em Lisboa em 1607, que havia 750 mil cristãos convertidos no Japão em 1606. Atualmente, sabe-se que o número era um enorme exagero. Dauril Alden, sustentado em estudos contemporâneos, indica uma estimativa entre 250 e 300 mil japoneses convertidos ao cristianismo na primeira década do século XVII. Independentemente da precisão dos números, a divulgação do grande êxito alcançado pelas missões da Ásia parece ter resultado em grande prestígio das mesmas entre o público católico europeu, e funcionado como um fator de atração para os candidatos às missões ultramarinas²².

²⁰ Cf. OSSWALD, Maria Cristina. S. Francisco Xavier, o "Apóstolo do Oriente": estratégias de constituição dum culto na época Moderna (séculos XVI-XVII). *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, ano VII, n.13-14, p.327-342, 2008; SANTOS, Zulmira Coelho dos. Em busca do paraíso perdido: a Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil de Simão de Vasconcelos, S.J. In: CARVALHO, José Adriano de Freitas (dir.). *Quando os frades faziam História*. Porto: Centro universitário de História da espiritualidade, 2001, p.152; ALDEN, Dauril. *The making of an enterprise. The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and beyond: 1540- 1750*. Stanford: Stanford University Press, 1996, p.65.

²¹ A Assistência portuguesa da Companhia de Jesus era formada pelas províncias de Portugal, Brasil, Goa, Malabar e Japão, e pelas vice-províncias da China e do Maranhão. Apenas a província das Filipinas, localizada no sudeste asiático, era parte da Assistência hispânica. Cf. HAMY, P. Alfred. S.J. *Documents ... Op.cit.*, p.1. Tomamos como referência dois artigos da historiadora Camilla Russell, nos quais ela analisa oitocentas cartas indipetae de jesuítas italianos no período entre 1590 e 1615. Nelas, a grande maioria dos candidatos expressa o desejo de seguir para as Índias Orientais, principalmente para a China e para o Japão. Cf. RUSSELL, Camilla. Imagining the 'Indies': Italian Jesuit petitions for the overseas missions at the turn of the seventeenth century. In: DONATTINI, Massimo; MARCOCCI, Giuseppe; PASTORE, Stefania (org.). *L'Europa divisa e i nuovi mondi*. Per Adriano Prosperi. Pisa: Edizioni della Normale, 2011. v.2, p.179-189; Idem. Vocation to the East: Italian Candidates for the Jesuit China Mission at the turn of the Seventeenth Century. In: ISRAELS, Machtelt; WALDMAN, Louis A. (ed.). *Renaissance Studies in honor of Joseph Connors*. Florença: Harvard University Press, 2013. v.2, p.313-327. Também nos serve de referência importante MALDAVSKY, Aliocha. Entre mito, equívoco y saber. Los jesuitas italianos y las misiones extraeuropeas en el siglo XVII. In: ZUPANOV, Inés, et al (org.). *Missions d'évangélization et circulation des savoirs. XVIeXVIIe siècles*. Madri: Casa de Velázquez, 2011, p.41-58.

²² Cf. GUERREIRO, Fernão. *Relação anual das Coisas que fizeram os padres da C. de J. nas partes da Índia Oriental e em algumas outras da conquista deste reino nos anos de 1604 e 1605, e do processo de*

As publicações das cartas de Francisco Xavier, já considerado santo e venerável entre os jesuítas mesmo antes de sua canonização, parecem igualmente ter provocado entusiasmo entre os companheiros interessados no apostolado no ultramar. De acordo com Russell, esses jesuítas, mesmo sendo, muito provavelmente, os maiores consumidores das publicações sobre as missões da Companhia, as quais liam nos colégios ou escutavam durante as refeições, pouco mencionam essas referências em suas "*indipetae*". Contudo, aqueles que o fizeram evidenciaram a existência dessa influência ao declararem terem se sentido chamados para as "Índias" ao ouvirem a leitura das cartas de Xavier ou de cartas do Japão.²³

A possibilidade real do martírio no exercício da missão, tal como narravam as dezenas de obras publicadas na primeira metade do século XVII, principalmente sobre a missão japonesa, também funcionava como um atrativo para os futuros missionários.²⁴ Desde fins do século XVI, o martírio de missionários mortos na propagação ou na defesa da fé católica vinha se consolidando como elemento de prestígio interno na Ordem e de autopropaganda da Companhia nas sociedades católicas europeias. Através das narrativas de martírios de missionários em diferentes locais do mundo, visuais e escritas, os jesuítas procuravam fomentar internamente a dedicação máxima à vocação evangelizadora e o compromisso espiritual, identificando a Companhia ao próprio Cristo, o primeiro a sacrificar a própria vida em favor da salvação espiritual do próximo. Eram discursos voltados tanto para o público interno quanto externo, nos quais a Ordem se investia de certa aura de santidade e afirmava publicamente a sua total devoção e sucesso no apostolado cristão. Um exemplo emblemático da importância dos mártires na autoimagem propagandeada pelos jesuítas é o lugar de destaque que os mesmos ocupam tanto nos "*Tableaux des personnages signalés de la Compagnie de Jésus*", de 1623, quanto na "*Imago Primi Saeculi*", de 1640, obras importantes de autocelebração da Companhia da primeira metade do Seiscentos.²⁵

O investimento na formação de um quadro missionário mais numeroso nas missões da Ásia pelo governo geral da Companhia também parece se relacionar à maior circulação de notícias positivas e narrativas sobre o sucesso evangelizador das mesmas. Na primeira metade do Seiscentos, além de muitos companheiros desejarem ir para o Oriente asiático, os superiores em Roma e em Portugal também incentivaram muito mais o crescimento numérico e, conseqüentemente, o fortalecimento da ação missionária nessa região do que no Brasil, por

conversão e crmandade daquelas partes; tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vieram. Lisboa: Pedro Craesbeek, 1607; ALDEN, Dauril. *The making of ... Op.cit.*, p.131.

²³ Cf. RUSSELL, Camilla. *Imagining the 'Indies'...* *Op.cit.*, p.182.

²⁴ De uma centena de publicações europeias aproximadamente que saíram das prensas entre 1600 e 1650 especificamente sobre a missão japonesa da Companhia, setenta e quatro delas tratavam de martírios. CARAYON, Auguste. *Bibliographie...* *Op.cit.*, p.62-137.

²⁵ CYMBALISTA, Renato. A Companhia de Jesus nos séculos XVI-XVIII: uma comunidade global de mártires. In: *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares#R>. Acesso em: 19 abr.2021. Cf. NEVEU, Gérard. La fabrique d'un saint missionnaire jésuite dans la longue durée (XVIIe, XVIIIe et XIXe siècles): Pedro Claver (1580-1654) entre rhétorique, théologie et histoire. *Les Dossiers du Grihl*, n.2015-01, 2015. Disponível em: <http://dossiersgrihl.revues.org/6318>. Acesso em: 20 abr.2021.

exemplo. Entre as décadas de 1600 e 1650, o governo geral enviou, via Lisboa, uma média anual de dez missionários para as missões de Goa, Malabar, Japão e China, enquanto para o Brasil essa média foi de aproximadamente três por ano. O resultado do investimento diferenciado de pessoal na Ásia e no Brasil pode ser atestado no quantitativo total de membros das províncias. A brasileira se manteve praticamente estável, variando entre 160 e 170 membros no período, enquanto as asiáticas abrigaram entre 460 e 530 jesuítas aproximadamente.²⁶ A diferença numérica pode estar ligada ao fato de a Ásia incluir áreas de missão variadas e distantes entre si, enquanto a província brasílica formava apenas uma unidade missionária, concentrada, sobretudo, no litoral atlântico. Essa explicação, contudo, parece superficial e insuficiente. É possível que as muitas informações sobre o grande sucesso da evangelização no Oriente enviadas à Europa e publicizadas pelos próprios jesuítas, contrastando com as poucas notícias que chegavam do Brasil, tenham influenciado os superiores romanos no encaminhamento de novos missionários.

Entre 1580 e 1650, a comunicação entre a província brasílica, os companheiros europeus e o governo romano da Ordem sobre a missão era esparsa e pouca entusiasmada.²⁷ As cartas de missionários, que deveriam informar os companheiros sobre as iniciativas e o progresso da conquista evangelizadora no Brasil, eram raras. Mesmo as cartas anuais pouco tratavam das aldeias e das conversões. Os relatos voltados para a comunicação interna produzidos e enviados do Brasil pelos jesuítas que ali viviam ou pelos visitantes da província, que buscavam informar seus superiores em Lisboa e em Roma, quase não abordavam o tema das conversões e dos aldeamentos, ou apresentavam uma visão bastante pessimista sobre as condições e a eficácia do trabalho missionário, atestando mais fracassos que sucessos na iniciativa. Tomamos como exemplo a "*Información de la Provincia del Brasil*", de 1585, do padre Fernão Cardim, secretário do visitador da província, padre Cristóvão Gouveia; a "Informação do Brasil e do Discurso das aldeias e mau tratamento que os Índios receberam sempre dos Portugueses e ordem de El Rei sobre isso", escrita em 1584 pelo padre Luís da Fonseca, reitor do colégio da Bahia; e a "Relação do Brasil", de 1610, escrita pelo padre Jácome Monteiro, secretário de outro visitador da província, o padre Manoel de Lima. Os três relatos manuscritos são textos descritivos de caráter histórico que visavam informar o Padre Geral e os superiores em Lisboa sobre as origens e o desenvolvimento das atividades missionárias dos padres do Brasil. De maneira geral, guardadas as devidas diferenças das conjunturas em que foram produzidos e dos posicionamentos particulares dos autores sobre a província, nem sempre favoráveis, os três textos apresentam a seus destinatários circunstâncias que dificultavam a realização efetiva da catequese (como a imensidão de um território desconhecido e de difícil penetração mal dominado pelos portugueses, a selvageria do gentio, o implacável desejo dos

²⁶ ALDEN, Dauril. *The making of... Op.cit.*, p.674-675.

²⁷ As poucas notícias dadas pelos do Brasil sobre a atividade missionária nesse período aparecem na forma de cartas, endereçadas majoritariamente ao Padre Geral ou ao seu assistente português. Cf. LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. v.3, tomos VIII e IX (Escritores I e II).

lusos em escravizarem continuamente os indígenas, as epidemias e fomes que assolavam as aldeias, entre outros), e acabam atestando o fracasso da evangelização no Brasil.²⁸

Frente às poucas notícias sobre a missão brasílica, apresentada muitas vezes como pouco fértil na catequização do gentio, com resultados que não pareciam muito promissores e enfrentando constantes dificuldades de ordem física e política para se consolidar, não é estranho que tanto os candidatos às missões ultramarinas quanto o próprio governo geral da Ordem não se entusiasmassem tanto pelo Brasil e priorizassem as províncias asiáticas. daquelas chegavam constantemente inúmeras notícias e testemunhos do êxito da conversão, da dedicação heroica dos missionários e de martírios, considerados provas da completa devoção dos missionários da Companhia ao apostolado evangelizador. Ou seja, províncias cujos relatos das missões serviam muito bem à Ordem como peças de propaganda para se fortalecer politicamente junto à Igreja de Roma, junto aos líderes católicos europeus e perante os seus opositores e concorrentes na Europa.²⁹

A consciência do prestígio do Oriente nas obras de Simão de Vasconcelos

Como sugerem os prólogos de suas obras, Simão de Vasconcelos se mostra ciente do pouco conhecimento sobre sua província entre os próprios companheiros e entre o público externo à Companhia na Europa. Apesar de desconhecer o quantitativo de publicações sobre as outras missões da Ordem, o padre não estava alheio à evidente notoriedade que algumas já haviam alcançado, sobretudo as asiáticas. A ampla circulação das centenas de publicações sobre essas missões também alcançava as províncias jesuítas americanas. As indicações bibliográficas de obras que o próprio Simão de Vasconcelos utiliza em seus três livros, escritos em meados do século XVII, ecoam tanto o sucesso editorial da literatura apologética e missionária sobre as Índias Orientais, quanto evidenciam o modelo de missionário exemplar que prevalecia dentro da Companhia.

A biografia de João de Almeida se diferencia das duas obras seguintes pela escassez de referências bibliográficas, em geral indicadas nas margens das páginas ou no corpo do texto. O trecho sobre as devoções do padre Almeida, no entanto, demonstra o conhecimento do autor sobre os companheiros cuja notoriedade se consolidava dentro da Ordem.

²⁸ CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril*. Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620). Bauru: Edusc, 2006, p.57-p.61; p.116-120.

²⁹ No século XVII, um dos objetivos da publicística missionária da Companhia era consolidar a sua preponderância nas missões das Índias Orientais, já que não era mais a única ordem religiosa a realizá-las. Desde os últimos anos do Quinhentos, franciscanos, dominicanos e agostinianos, além de missionários enviados pela Congregação da Propaganda Fide, passaram a realizar missões catequéticas no Oriente, muitas vezes nas mesmas áreas onde os jesuítas já atuavam, constituindo uma concorrência bastante incômoda, que a Companhia tentou, sem sucesso, rechaçar. Cf. ALDEN, Dauril. *The making of...* Op.cit., p.132; CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O Paraíso Proibido*. A censura ao paraíso brasileiro, a Igreja portuguesa e a Restauração de Portugal entre Salvador, Lisboa e Roma. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014, p.30-31.

O rol dos Santos e Varões Insignes que trazia escrito o P. João de Almeida, a quem se encomendava e rezava e tinha devoção, além dos sobreditos já nomeados no capítulo antecedente e de nosso S. Patriarca Inácio, de quem era devotíssimo, e do S. Padre Francisco de Borja, Luis Gonzaga, e Estanislaou de nossa Companhia, era o seguinte. [...] Aquele Santo Varão Mártir Gonçalo da Silveira, Inácio de Azevedo, com seus Companheiros; Pero Dias com seus Companheiros, que morreram a poder de Hereges, Francisco Pinto, João Correia, e Pero de Souza, que morreram a mãos de índios; os três Grandes Padres Mártires do Paraguai, os três Reitor, Ministro e Procurador, que os Hereges queimaram vivos: todos os Santos Mártires daquela grande Bretanha, Edmundo Campeano, e de mais o grande José de Anchieta. Item mais todos os Mártires do Japão, assim da Companhia como de fora dela, que morreram com tantos tormentos [...].³⁰

Ainda que a biografia faça pouquíssimas referências a obras impressas ou manuscritas específicos, o padre Simão deixa claro que os jesuítas do Brasil conheciam o panteão de varões ilustres da Companhia, composto em sua maioria por santos canonizados ou assim considerados e por mártires, panteão que vinha sendo constituído por iniciativa ou com o apoio da própria cúria jesuítica desde fins do século XVI, em grande medida pela via literária. A inclusão dos companheiros da província brasílica Pedro Correia, João de Sousa e Francisco Pinto no rol de mártires a quem Almeida era devoto, bem como a sua própria devoção a figuras já prestigiosas exemplificam uma estratégia discursiva de Vasconcelos de dotar a missão brasileira de prestígio por associação.³¹

Uma das poucas obras históricas de autoria jesuítica citada por Vasconcelos na "Vida" de João de Almeida é a "Gloriosa Coroa dos Esforçados Religiosos da Companhia de Jesu mortos pela fé católica nas conquistas dos Reinos da Coroa de Portugal", escrita pelo padre Bartolomeu Guerreiro e impressa em Lisboa em 1642.³² A referência à essa obra e ao seu conteúdo é um indício bastante importante do quanto Vasconcelos era conhecedor da prevalência paradigmática das missões do Oriente e do modelo do missionário mártir entre os companheiros da Península ibérica.³³

Como todas as obras religiosas de caráter histórico, esta era voltada, a princípio, para a edificação do público interno da Ordem. Escrita em português, em formato *in folio* e com um prólogo ao leitor pontuado de citações bíblicas e passagens em latim, a "Gloriosa Coroa" seria consumida de maneira mais imediata pelos jesuítas ibéricos.³⁴ A obra se constitui como um

³⁰ VASCONCELOS, Simão. *Vida do P. Joam D'Almeida...Op.cit.*, p.303-304.

³¹ A troca dos sobrenomes dos irmãos Pedro Correia e João de Souza no trecho apresentado parece ser fruto de um erro de impressão, pois ambos são citados no prólogo da biografia com seus nomes corretos.

³² GUERREIRO, Bartolomeu. *Gloriosa Coroa dos Esforçados Religiosos da Companhia de Jesu mortos pela fé católica nas conquistas dos Reinos da Coroa de Portugal*. Lisboa: Antonio Alvarez, Impressor del Rey, 1642.

³³ No final do "Breve Catálogo", inserido no "Prólogo por advertência ao leitor" da biografia de Almeida, Vasconcelos diz: "Não trato no sobredito epílogo de 56 outros Varões Ilustres, que navegando para esta Província em diversas naus, todos porém debaixo da Obediência do Ilustre e Venerável P. Inácio de Azevedo [...] porque de todos estes tem saído à luz particulares Histórias e especialmente trata de todos eles o P. Bartolomeu Guerreiro de nossa Companhia no seu Livro intitulado 'Gloriosa Coroa dos Esforçados Religiosos da Companhia de Jesu', parte 3, cap.3 por diante [...]". In: VASCONCELOS, Simão. *Vida do P. Joam D'Almeida...Op.cit.*, sem paginação.

³⁴ As publicações que visavam atingir o público eclesiástico e acadêmico costumavam ser impressas em formato maior e mais pesado, normalmente "in folio", pois eram armazenadas em bibliotecas para consulta ou utilizadas para leituras públicas nas igrejas, classes e refeitórios das residências religiosas. A impressão

martirologio da Assistência portuguesa da Companhia de Jesus, como o próprio título indica. Dividida em quatro partes, as três últimas são dedicadas à história dos religiosos “mortos pela fé católica” nas diversas províncias da Assistência. A quantidade de páginas dedicadas a cada uma delas é um forte indicativo de que as diferentes missões jesuíticas do ultramar português recebiam graus distintos de notoriedade atribuídos pelos próprios companheiros na Europa, e que essa distinção estava estreitamente vinculada à quantidade de martírios que as províncias abrigaram. Assim, enquanto a terceira parte da obra, que trata do Brasil, conta com 30 capítulos e narra essencialmente o martírio do padre Inácio de Azevedo e seus companheiros, em 1570, ignorando outros mártires já bastante conhecidos, como Francisco Pinto e os irmãos Pedro Correia e João de Sousa, a quarta parte se estende por 87 capítulos dedicados exclusivamente à missão japonesa e às muitas dezenas de histórias de martírios sofridos pelos jesuítas atuantes no Japão.

Ao contrário da biografia de Almeida, a “Chronica” e a “Vida” de Anchieta são fartas em referências bibliográficas, cuja análise permite apresentar algumas inferências que reforçam o nosso argumento. A primeira delas, de caráter mais geral, é que os jesuítas que viviam nos colégios da Companhia no Brasil, pelo menos a partir de meados do Seiscentos, quando Vasconcelos escreveu suas obras entre a residência nos colégios do Rio de Janeiro e da Bahia, tinham amplo acesso não somente a publicações de variados temas escritas por outros jesuítas, como a obras de outros religiosos e de leigos, fossem elas mais antigas ou impressas mais recentemente em qualquer lugar da Europa.³⁵ A título de exemplo citamos algumas referenciadas por Vasconcelos: “*Theatrum orbis terrarum*”, de Abraão Ortelius, impresso na Antuérpia em 1584; a “*Historiae Societatis Iesu Prima pars*”, do jesuíta Nicolau Orlandino, impressa em Roma em 1614; e a “*Cronica moralizada del Orden de San Augustin en el Peru*”, do padre agostiniano Antonio de la Calancha, impressa em Barcelona em 1639.³⁶

A partir da análise bibliográfica das obras do padre Vasconcelos, chega-se ainda a uma segunda conclusão importante. No que tange às obras históricas de autoria jesuítica consultadas pelo padre que tratam das missões ultramarinas da Companhia, predominam aquelas em que as missões do Oriente e seus integrantes ganham maior ou todo o destaque em detrimento das províncias americanas, como na “*Historia de las misiones que han hecho los religiosos de la Compañia de Jesus en la Índia Oriental, y en los reynos de la China, y Japon*”, do padre Luiz de Guzmán (Alcalá, 1601). Nas histórias gerais sobre as missões jesuíticas nas Índias Orientais e Ocidentais em que o Brasil aparece, como nas “*Historiarum Indicarum*”, de Giovanni Pietro Maffei (Florença, 1588), muito citada por Vasconcelos, e “*Thesaurus Rerum Indicarum*”, de Pierre du

em dimensões maiores e de melhor qualidade, facilitava a leitura. Cf. FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *The coming of the book. The impact of printing, 1450-1800*. Londres: NLB, 1976, p.88-90.

³⁵ Obras de filosofia natural, de teologia, de direito, de medicina e matemática, por exemplo, além de autores clássicos da Antiguidade e muitas obras religiosas preenchem as livrarias dos jesuítas do Brasil. Cf. SILVA, Luiz Antônio Gonçalves. As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. *Revista Perspectivas em Ciência da Informação*, v.13, n. 2, maio/ago., p. 219-237, 2008.

³⁶ Todas as obras identificadas como parte das referências do padre Vasconcelos se referem às suas primeiras edições. Cf. SOMMERVOGEL, Carlos. *Bibliothèque... Op.cit.*, 9v.

Jarric (Colônia, 1615), os poucos capítulos dedicados à província de Nóbrega e Anchieta se perdem em meio aos muitos dedicados ao relato das missões em Goa, Cochim, Calicute, Malaca e Japão, por exemplo³⁷.

Um outro tipo de obra histórica jesuítica também muito referenciada por Vasconcelos são as biográficas, individuais ou coletivas, que se apresentam como elogios hiperbólicos às ações e virtudes dos sujeitos e, por consequência, à própria Companhia. Além da biografia de Francisco Xavier, de autoria do jesuíta João de Lucena, e das biografias anteriores de José de Anchieta, Vasconcelos também se utiliza de obras coletivas, como a já mencionada "Gloriosa Coroa", a "Varones ilustres", nome genérico atribuído à obra em quatro volumes escrita pelo padre Eusebio Nieremberg, a "Tabulis virorum illustrium Societatis Iesu", do padre Pedro D'Oultreman, e "Varoens illustres da Companhia", também um nome genérico da obra dos padres Phillippe Alegambe e João Nadasi, publicada em 1657³⁸. Todas elas são organizadas como compilados de breves biografias laudatórias àqueles considerados jesuítas ilustres e aos mártires da Companhia. José de Anchieta, cuja fama taumatúrgica já se difundira bastante entre os companheiros da Europa, aparece apenas em duas dessas obras, não figurando na "Gloriosa Coroa", dedicada apenas aos mártires, nem na "Varoens illustres da Companhia", de Alegambe e Nadasi. Outros personagens ligados à província brasílica, no entanto, se repetem em todas elas: Inácio de Azevedo e seus companheiros. E, com exceção novamente da "Gloriosa Coroa", mais três são constantes: Pedro Correia, João de Souza e Francisco Pinto. Todos eles mortos em martírio. A ausência de Anchieta, ainda que parcial, aponta para uma terceira inferência possível: a de que o peso da condição de mártir no reconhecimento público da notoriedade do missionário poderia superar a de um suposto santo.

A análise bibliográfica das obras do padre Vasconcelos evidencia, ainda, que havia uma ampla circulação de textos manuscritos e impressos entre as províncias europeias e ultramarinas da Companhia de Jesus. Havia as publicações que eram produzidas e impressas na Europa, se

³⁷ A hipótese da preponderância de obras históricas sobre as missões orientais em relação às de outras áreas missionárias entre as disponíveis nas bibliotecas dos colégios da Companhia de Jesus no Brasil ganha força ao se considerar o inventário dos livros pertencentes ao colégio jesuítico do Rio de Janeiro, feito em 1775. Apesar da listagem não indicar os títulos precisos ou os autores das obras arroladas, indica-se, ao menos, os temas. Assim, enquanto várias obras referentes ao Oriente e às missões lá realizadas figuram no inventário, indicadas por tópicos como "Relação anual da Índia", "História do Japão", "Vida do Padre Xavier", "História das missões do Japão", "Mártires do Japão", "Perseguição do Japão", "Cartas do Japão", "Vida de São Francisco Xavier", "Gloriosa Coroa da Companhia", apenas quatro se referem à missão no Brasil: "Crônicas da Companhia do Brasil", "Vida do Padre Anchieta", "Vidas do Padre Azevedo" e "Canonização do Padre Azevedo". A primeira se refere à obra do próprio Vasconcelos e as duas últimas provavelmente sobre o padre Inácio de Azevedo e sobre o seu processo de canonização. Sobre as outras áreas missionárias, como as americanas, há apenas um livro, indicado por "Historia Peruanna". Cf. AUTO de inventário e avaliação dos livros achados no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro e sequestrados em 1775. *Revista do IHGB*, v. 301, p. 212-259, out.-dez. 1973.

³⁸ O padre Eusébio Nieremberg (1595-1658), profícuo escritor, professor e confessor atuante em Madri, escreveu quatro obras biográficas coletivas sobre os varões considerados mais insígnies da Companhia, sendo estas publicadas entre 1643 e 1647. Após a sua morte, o padre Alonso de Andrade deu continuidade à empreitada, tendo publicado em 1666 e 1667 dois volumes intitulados "Varones ilustres en santidad, letras, y zelo de las almas", apresentados como sequências da obra de Nieremberg. Cf. SOMMERVOGEL, Carlos. *Bibliothèque...* Op.cit., v.1, p.325-326; v.5, p. 1746-1747. Quanto à obra de Alegambe e Nadasi, Vasconcelos parece se referir à "Mortes illustres et gesta eorum Societate Jesu", publicada em Roma em 1657, pois é nela que os autores tratam do martírio do padre Francisco Pinto. Cf. *Ibidem*, v.1, p.151-152.

utilizando frequentemente como material de base de relatos e cartas manuscritas que vinham do ultramar, sendo depois enviadas para províncias em outros continentes, conectando, assim, províncias que não tinham contato direto frequente, como as das Índias Ocidentais e Orientais. Mas havia também várias obras que eram elaboradas nas missões ultramarinas, publicadas na Europa, e que voltavam impressas para o seu ponto de partida, seguindo também para outras províncias do ultramar, como a "*Historica Relación del Reyno de Chile*", do padre Afonso de Ovalle, natural de Santiago e atuante na província jesuítica do Chile, cuja obra foi impressa em Roma em 1646³⁹ e uma cópia se encontrava muito provavelmente no Colégio da Bahia, onde Vasconcelos a consultou para elaborar a sua "Chronica".

Tendo em mãos tantas histórias sobre as missões e os missionários da Companhia, era claro para Simão de Vasconcelos a notoriedade e o destaque que os companheiros atuantes nas províncias asiáticas haviam alcançado, ao menos dentro da Ordem, sobretudo os mártires. Em contraste, o silêncio quase absoluto de notícias sobre a província brasílica. Na década de 1650, Simão de Vasconcelos sabia bem que a província brasileira não se destacava como espaço de grandes sucessos missionários ou de varões notáveis em comparação a outras províncias jesuíticas do ultramar. E percebia o prestígio e a importância que a missionação na Ásia possuíam nos reinos católicos europeus. Não só porque a maioria dos missionários queria e partia de Lisboa para Goa, para o Japão ou para a China, como porque a própria província brasileira abrigava diversas obras sobre os feitos dos companheiros no Oriente, e nenhuma sobre a missão dos jesuítas no Brasil. Foi em busca desse prestígio para a província, interno e externo à Companhia, que Vasconcelos escreveu.

A construção da notoriedade da província através da literatura histórica

A construção da notoriedade e possível prestígio que uma missão religiosa poderia adquirir junto a um público religioso e leigo a partir da ampla divulgação dos seus feitos e do elogio aos seus integrantes era uma estratégia que a província brasileira não havia explorado até meados do século XVII. O padre Vasconcelos foi o primeiro a se lançar de maneira sistemática à tarefa. Ele sabia bem quais eram os elementos mais prestigiantes presentes na literatura missionária jesuítica. Não era o aldeamento dos índios do Brasil. Eram, por exemplo, os martírios sofridos na pregação da palavra de Cristo e a comparação à figura do santo missionário mais propagandeado pela Companhia na época, Francisco Xavier.

Com sua escrita histórica, Vasconcelos pretendia dar a conhecer não apenas a atividade missionária de sua província, mas evidenciar como esta era formada por homens santos e mártires que se igualavam em qualidade aos companheiros das missões orientais, ainda que não em quantidade. A caracterização comparativa entre os jesuítas do Brasil e os do Oriente,

³⁹ SOMMERVOGEL, Carlos. *Ibidem.*, v.6, p.40.

particularmente Francisco Xavier, e a relevância equivalente atribuída às duas áreas missionárias aparecem com frequência nas duas biografias e na "Chronica".⁴⁰

Se à aclamação da santidade missionária de Xavier como símbolo representativo de toda a Companhia Vasconcelos respondia com Nóbrega, João de Almeida e José de Anchieta, na tentativa de abrir algum espaço de destaque para a província brasílica entre os companheiros, no caso dos martírios, havia pouco a apresentar. Por isso ele lança mão de uma retórica hiperbólica e procura explorar os poucos casos de martírios associados à província nas três obras. A narrativa do martírio dos irmãos Pedro Correia e João de Sousa, mortos em 1554 em uma missão junto aos índios carijós, por exemplo, é repetida em todas elas, e o caso do padre Francisco Pinto, martirizado em uma missão em direção ao Maranhão em 1608, é contado em detalhes na "Vida" de Anchieta. No entanto, é na "Chronica" que o jesuíta explora o elemento de maneira mais extensa para engrandecer a província. Preenche quase todo o quarto livro da obra narrando "[...] a história notável do martírio insigne dos 40 mártires da Companhia de Jesus do Brasil, Inácio de Azevedo, e seus companheiros, com breve suma de suas vidas".⁴¹ Liderados pelo ex-visitador, os trinta e nove missionários nunca chegaram a pisar em terras brasileiras, tendo sido mortos por calvinistas franceses na viagem para o Brasil. Vasconcelos, contudo, se apropria do episódio na tentativa de caracterizar a província brasileira como tão digna de admiração e prestígio quanto as europeias e as orientais, pois seus mártires também morriam no combate aos hereges protestantes e também eram numerosos.⁴²

O esforço retórico que Vasconcelos fazia pode ser compreendido com uma tentativa de dotar de prestígio uma província onde essencialmente se catequizava indígenas, povos cuja condição humana e racional e a possibilidade de conversão eram questionadas⁴³. O elogio aos missionários santos e mártires, portanto, não é genérico. A narrativa é construída de modo a realçar e louvar as especificidades do missionário atuante no Brasil e da missão catequética realizada na província.

Foi notável o fruto que fez o irmão Antonio Rodrigues: cativava os índios com sua boa graça, penetrava o sertão trinta e quarenta léguas [...]. Aqui tratou com grande quantidade de índios, fez-lhe igreja, catequizou-os e converteu a muitos, vivendo entre eles três ou quatro anos [...]; a estes pregava dos bens e males da outra vida, com tanta eloquência, por suas mesmas frases e uso de falar do sertão (coisa que este gentio mais venera) que suspendia os corações e era estimado e crido de todos. [...] Na instrução dos filhos dos índios foi extremado: ensinava-lhes por sua mesma língua a polícia de que eram capazes, e a volta da doutrina cristã, ler, escrever, cantar e tanger instrumentos [...]. Feito sacerdote [...] foram sem número os trabalhos e perigos da vida que padeceu em amansar aqueles

⁴⁰ "E não somente no Brasil; em Roma, em Portugal, no mundo todo foi conhecida sua santidade; ao menos pela empresa que tomou a seus ombros, igual a de um Xavier: ficando partida entre dois varões apostólicos a conversão da gentildade do mundo; a Xavier ficou a do Oriente; a Nóbrega a do Ocidente". VASCONCELOS, Simão. *Chronica... Op.cit.*, p.478.

⁴¹ VASCONCELOS, Simão de. *Chronica... Op.cit.*, p.388.

⁴² "E tu, ó Companhia de Jesus do Brasil, com razão podes prezar-te de tão insignes filhos, cujos nobres procedimentos te honraste, e com cujo sangue cresceste". *Ibidem*, p.451.

⁴³ Cf. RUSSELL, Camilla. *Imagining the 'Indies'...* Op.cit., p.179-182; MALDAVSKY, Aliocha. *Entre mito, equívoco y saber...* Op.cit., p.46.

feros corações; reduziu grandes bandos das brenhas do sertão à igreja de Deus, domesticou seus bárbaros costumes [...]. A ele, enfim, se atribui grande parte da conversão de cinquenta mil almas e formação de todas as aldeias que se assentaram naquelas partes [...] ⁴⁴

Buscando fazer frente à percepção que circulava entre os companheiros na Europa de que era na evangelização do Oriente que cumpririam sua missão com maior sucesso e glória espiritual, o jesuíta procura convencer de que, no Brasil, a vinha espiritual era fértil, mas exigia os missionários mais virtuosos e dedicados, justamente porque as condições particulares da missão assim demandavam. Dessa forma, o padre procurava alçar a província ao grupo das missões mais prestigiosas da Companhia e seduzir os candidatos ao ultramar a escolherem o Brasil como destino, e não as províncias orientais.

Uma das explicações para a tentativa de ampliar a notoriedade e o prestígio da província brasileira entre os companheiros na Europa através da literatura histórica era o interesse dos jesuítas do Brasil em aumentar a sua presença numérica na região. Aumentar a quantidade de membros de uma província certamente colaborava para o crescimento da sua visibilidade dentro da Ordem, pois haveria mais gente tanto para realizar mais ações missionárias como para dar notícias das mesmas aos companheiros no Velho Mundo. De fato, a questão da ampliação do número de membros no Brasil era uma pauta da liderança provincial identificável em meados do Seiscentos. A despeito das regras institucionais da Ordem ou da autorização da Cúria Geral, que só permitia o ingresso de quatro noviços por ano na província, os governos da missão brasileira admitiram, entre 1655 e 1663, um número de candidatos muito superior ao previsto. Ao invés dos trinta e seis novos companheiros, doze por triênio, conforme as normas da Companhia, cinquenta e sete foram admitidos, sendo que vinte e seis ingressaram durante o provincialato de Simão de Vasconcelos (1655-1658).⁴⁵ Na ata da Congregação provincial realizada em 1660, há uma insistência no tema da ampliação da presença física da Companhia no Brasil. Pedia-se o aumento do número de admissões de luso-brasileiros por ano e que se enviasse mais missionários da Europa.⁴⁶ As justificativas apresentadas eram bastante plausíveis. Faltavam operários para atender a tantos nativos e à gente cristã, e os quatro que ingressavam anualmente não compensavam os que eram perdidos para outras missões ou por outros motivos.⁴⁷

O acerto da estratégia de Simão de Vasconcelos de tentar atrair para a província mais companheiros da Europa e de obter autorização da Cúria geral para mais admissões de noviços através da divulgação de suas obras apologéticas foi confirmada pelo Vigário Geral da Companhia em 1662. Em sua resposta ao pedido de envio de missionários europeus para o Brasil feito pela congregação de 1660, João Paulo Oliva diz que tomou providência para atender a

⁴⁴ VASCONCELOS, Simão de. *Chronica... Op.cit.*, p.230-231.

⁴⁵ CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O Paraíso Proibido...Op.cit.*, p.63.

⁴⁶POSTULATA Congregationis Provincialis Provinciae Brasiliae anni 1660. In: ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU (ARSI), Congr.75, f.357v.

⁴⁷ *Ibidem*, f.357r.; CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O Paraíso Proibido...Op.cit.*, p.64-65.

demanda, mas recomenda que se dê mais notícias sobre a província, sobre o fervor espiritual de seus membros, sobre o zelo das almas, sobre seus fundadores, sobre os exemplos de virtudes e milagres, como os de Inácio de Azevedo e de Anchieta, com o fim de atrair companheiros de outras nações, que não demonstravam grande desejo de irem para o Brasil.⁴⁸

As demandas da congregação jesuítica de 1660, no entanto, não se relacionavam somente à necessidade de mais gente para a realização da missão religiosa, ou à busca por maior visibilidade e prestígio para a província dentro da Ordem, mas também ao interesse das lideranças jesuíticas locais em fortalecer a Companhia na conjuntura específica que seus religiosos viviam na América portuguesa. A preponderância missionária dos jesuítas na conversão, inserção e controle da população indígena na sociedade luso-brasileira, que viera se consolidando desde fins do século XVI, estava seriamente comprometida nas capitanias do Sul, desde 1640, e no Maranhão, a partir dos anos 1660. Além de terem sofrido expulsões, ameaças e restrições à sua atuação missionária nessas regiões, havia ainda a concorrência de outras ordens religiosas.⁴⁹ Assim, ampliar numericamente a presença dos jesuítas na América portuguesa era uma forma de fazer frente ao crescimento de outras ordens religiosas, que atuavam nas missões junto aos índios e na assistência à população cristã. Além de concorrerem com a Companhia nestas atividades, ameaçavam o prestígio e a notória influência social e política que os jesuítas exerciam em algumas áreas, como na Bahia e no Rio de Janeiro. Receber mais missionários também possibilitaria ocupar com mais vigor regiões onde a Ordem estava fragilizada, como São Vicente, ou onde estavam sob ataque, como no Maranhão.

Conclusão

Em suma, enquanto obras de caráter histórico e apologético sobre a província brasileira, as duas biografias e a crônica do padre Simão de Vasconcelos podem ser compreendidas como partes de um projeto discursivo e propagandístico único, cujo objetivo principal era, através da construção de uma certa memória histórica sobre a província, divulgar uma imagem triunfante da missão jesuítica do Brasil, baseada principalmente na excelência excepcional de seus membros, excepcionalidade representada pelos santos, mártires e missionários que participaram da sua história, e no elogio ao tipo de atuação dos jesuítas na América portuguesa. A nosso ver, a construção e a divulgação deste tipo de discurso foram estratégias utilizadas pelo religioso

⁴⁸ RESPONSA R.P. Vicarii Generalis Joannis Pauli Olivae ad Postulata Congregationis Provinciae Brasiliensis habitae anno 1660. In: ARSI, Congr.75, f.370r.

⁴⁹ Os jesuítas foram expulsos da capitania de São Vicente em 1640, para onde retornaram em 1653, e do Estado do Maranhão e Grão-Pará em 1661, para onde puderam voltar em 1663. Em ambos os casos, a origem da expulsão se localiza nos conflitos entre os padres e os moradores e câmaras locais sobre a legitimidade da escravidão indígena e a disputa pelo controle temporal dos nativos reduzidos nos aldeamentos. Em São Vicente, foi a oposição dos franciscanos aos jesuítas que se destacou. Aqueles teriam se colocado a favor dos moradores desde a explicitação do conflito e a expulsão da Companhia em 1640. Cf. ZERON, Carlos Alberto Ribeiro de Moura. *A construção de uma ordem colonial nas margens americanas do império português: discussões sobre o bem comum na disputa de moradores e jesuítas pela administração dos índios (XVIXVIII)*. Tese de livre docência. São Paulo, 2009, p.85.

para tentar notabilizar e fortalecer a província e os seus modos de operar perante interlocutores internos e externos à Companhia de Jesus.

Referências

ALDEN, Dauril. *The making of an enterprise. The Society of Jesus in Portugal, its Empire, and beyond: 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press, 1996.

ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS IESU, *Congregatione Provinciale*, 75.

AUTO de inventário e avaliação dos livros achados no Colégio dos Jesuítas do Rio de Janeiro e sequestrados em 1775. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, v. 301, p. 212-259, out.-dez. 1973. Disponível em: <https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107994-revista-ihgb-volume-301.html>. Acesso em: 15 abr.2021.

CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *O Paraíso Proibido. A censura ao paraíso brasileiro, a Igreja portuguesa e a Restauração de Portugal entre Salvador, Lisboa e Roma*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

CARAYON, Auguste, S.J. *Bibliographie historique de la Compagnie de Jésus*. Paris: Auguste Durand Libraire, 1864.

CASTELNAU-L'ESTOILE, Charlotte de. *Operários de uma vinha estéril. Os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil (1580-1620)*. Bauru: Edusc, 2006.

CHINCHILLA, Perla; ROMANO, Antonella (org.). *Escrituras de la modernidad: los jesuitas entre cultura retórica y cultura científica*. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2008.

CYMBALISTA, Renato. A Companhia de Jesus nos séculos XVI-XVIII: uma comunidade global de mártires. *Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/site/anaiscomplementares#R>. Acesso em: 19 abr.2021.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *The coming of the book. The impact of printing, 1450-1800*. Londres: NLB, 1976.

FERNANDES, Maria de Lourdes Correia. Entre a família e a religião: a 'Vida' de João Cardim. *Lusitania Sacra*, Lisboa, n.5, p.93-120, 1993.

GOTOR, Miguel. *Chiesa e santità nell'Italia moderna*. Roma-Bari: Editori Laterza, 2004.

GOTOR, Miguel. *Santi Stravaganti. Agiografia, ordini religiosi e censura ecclesiastica nella prima età moderna*. Roma: Aracne Editrice, 2012.

GUERREIRO, Bartolomeu. *Gloriosa Coroa dos Esforçados Religiosos da Companhia de Jesu mortos pela fé católica nas conquistas dos Reinos da Coroa de Portugal*. Lisboa: Antonio Alvarez, Impressor del Rey, 1642.

GUERREIRO, Fernão. *Relação anual das Coisas que fizeram os padres da C. de J. nas partes da Índia Oriental e em algumas outras da conquista deste reino nos anos de 1604 e 1605, e do processo de conversão e cristandade daquelas partes; tirada das cartas dos mesmos padres que de lá vieram*. Lisboa: Pedro Craesbeek, 1607.

HAMY, Alfred. S.J. *Documents pour servir à l'histoire des domiciles de la Compagnie de Jésus dans le monde entier de 1540 a 1773*. Paris: Alphonse Picard Libraire, 1892.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro/Lisboa: INL/Portugália, 1938-1950. 11 v.

- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 4v.
- MALDAVSKY, Aliocha. Entre mito, equívoco y saber. Los jesuítas italianos y las misiones extraeuropeas em el siglo XVII. In: ZUPANOV, Inés et al. (org). *Missions d'évangélization et circulation des savoirs*. Siècles XVI-XVIII. Madri: Casa de Velázquez, 2011, p.41-58.
- NEVEU, Gérard. La fabrique d'un saint missionnaire jésuite dans la longue durée (XVIIe, XVIIIe et XIXe siècles): Pedro Claver (1580-1654) entre rhétorique, théologie et histoire. *Les Dossiers du Grihl*, n.2015-01, 2015. Disponível em: <http://dossiersgrihl.revues.org/6318>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- OSSWALD, Maria Cristina. S. Francisco Xavier, o "Apóstolo do Oriente": estratégias de constituição dum culto na época Moderna (séculos XVI-XVII). *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, Lisboa, ano VII, n.13-14, p.327-342, 2008.
- PALOMO, Federico (org.). *La memoria del mundo: clero, erudición y cultura escrita en el mundo ibérico (siglos XVI-XVIII)*. Madrid: Publicaciones Universidad Complutense de Madrid, 2014 (Cuadernos de Historia Moderna. Anejos. Serie de Monografías, XIII). Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/CHMO/issue/view/2628> . Acesso em 25 abr. 2021.
- PAVONE, Sabina. *I gesuiti*. Dalle origini alla soppressione. Roma-Bari: Editora Laterza, 2004.
- RAMOS, Luís A. de Oliveira. Um jesuíta do Barroco (1596-1671). In: *Barroco: Actas do II Congresso Internacional*, Porto: Universidade do Porto, 2003, p.423-438.
- ROZZO, Ugo (org.). *Il libro religioso*. Milão: Edizioni Sylvestre Bonnard, 2002.
- RUSSELL, Camilla. Imagining the 'Indies': Italian Jesuit petitions for the overseas missions at the turn of the seventeenth century. In: DONATTINI, Massimo; MARCOCCI, Giuseppe; PASTORE, Stefania (org.). *L'Europa divisa e i nuovi mondi*. Per Adriano Prosperi. Pisa: Edizioni della Normale, 2011. v.2, p.179-189.
- RUSSELL, Camilla.. Vocation to the East: Italian Candidates for the Jesuit China Mission at the turn of the Seventeenth Century. In: ISRAELS, Machtelt; WALDMAN, Louis A. (ed.). *Renaissance Studies in honor of Joseph Connors*. Florença: Harvard University Press, 2013.v.2, p.313-327.
- SANTOS, Zulmira Coelho dos. Em busca do paraíso perdido: a Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil de Simão de Vasconcelos, S.J. In: CARVALHO, José Adriano de Freitas (dir.). *Quando os frades faziam História*. Porto: Centro universitário de História da espiritualidade, 2001. p.145-178.
- SANTOS, Zulmira Coelho dos. A literatura 'hagiográfica' no Brasil do tempo do Pe. António Vieira: da Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil e do que obrarão seus filhos nesta parte do Novo Mundo (1663) às biografias devotas de Simão de Vasconcellos. *Românica*, Lisboa, v.17, p.151-166, 2008.
- SILVA, Luiz Antônio Gonçalves. As bibliotecas dos jesuítas: uma visão a partir da obra de Serafim Leite. *Revista Perspectivas em Ciência da Informação*, v.13, n. 2, maio/ago., p. 219-237, 2008.
- SOMMERVOGEL, Carlos, S.J. *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus*. Bruxelas: Oscar Schepens; Paris: Alphonse Picard, 1890-1932. 9v.
- VASCONCELOS, Simão de. *Vida do P. Joam D'Almeida da Companhia de Jesu na Provincia do Brazil*. Lisboa: Oficina Craesbeeckiana, 1658.
- VASCONCELOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesu do Estado do Brasil*. Lisboa: Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S., 1663.

VASCONCELOS, Simão de. *Vida do venerável Padre Joseph de Anchieta da Companhia de Jesu, Taumaturgo do Novo Mundo, na Provincia do Brasil*. Lisboa: João da Costa, 1672.

ZERON, Carlos Alberto de Moura Ribeiro. *A construção de uma ordem colonial nas margens americanas do império português: discussões sobre o bem comum na disputa de moradores e jesuítas pela administração dos índios (XVI-XVIII)*. 2009. Tese de livre docência – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo.